

# Carlos Drummond de Andrade – Estâncias

Amor? Amar? Vozes que ouvi, já não me lembra  
onde: talvez entre grades solenes, num  
calcinado e pungitivo lugar que regamos de fúria,  
êxtase, adoração, temor. Talvez no mínimo  
território acuado entre a espuma e o gnaisse, onde respira  
– mas que assustada! – uma criança apenas. E que presságios  
de seus cabelos se desenrolam! Sim, ouvi de amor, em hora  
infinda, se bem que sepultada na mais rangente areia  
que os pés pisam, pisam, e por sua vez – é lei – desaparecem.  
E ouvi de amar, como de um dom a poucos ofertado; ou de um  
crime.

De novo essas vozes, peço-te. Escande-as em tom sóbrio,  
ou senão grita-as à face dos homens; desata os petrificados;  
aturde  
os caules no ato de crescer; repete: amor, amar.  
O ar se crispa, de ouvi-las; e para além do tempo ressoam,  
remos  
de ouro batendo a água transfigurada; correntes  
tombam. Em nós ressurgem o antigo; o novo; o que de nada  
extraí forma de vida; e não de confiança, de desassossego se  
nutre.  
Eis que a posse abolida na de hoje se reflete, e confundem-se,  
e quantos desse mal um dia (estão mortos) soluçaram,  
habitam nosso corpo reunido e soluçam conosco.

**Carlos Drummond de Andrade, Daqui estou vendo o amor**